

A raça dos psicanalistas

José Martinho

Há uma série americana que passou na televisão portuguesa e que tinha como título *Homens, mulheres e bananas*. Proponho que coloquemos o representante do “terceiro sexo” que é o psicanalista do lado da banana, da banana como símbolo fálico.

É do Falo que vou falar. O que direi não será definitivo, não será a Verdade das verdades, apenas algumas palavras para situar um pouco melhor o mistério que o Falo permanece para os homens, as mulheres e os psicanalistas, incluindo aquele que vos fala.

O Falo no berço da civilização

Começo por pegar no Falo tal como emerge na Grécia antiga, o designado «berço» da civilização ocidental¹. O Falo era aí o que havia de mais sintomático para o animal falante e político, o ponto nevrálgico em torno do qual girava a guerra dos sexos, mas também aquilo que os Gregos chamavam «economia», essencialmente doméstica, já que esta dizia sobretudo respeito à gestão da casa e ao casamento.

Como o sol, o Falo esperguiçava os seus raios de luz por toda a Grécia. Mas era também o que havia de mais obscuro, pela sua antiga relação com a flauta de Dionísio, o assobio do intruso. Lembro que Dionísio era o deus dos estrangeiros, dos escravos e das mulheres, mas igualmente das bebedeiras, das perseguições sexuais e de todas as loucuras.

O lado negro de Dionísio contrastava com o ideal de beleza e harmonia dos Gregos, representado pelo deus Apolo. Mas Dionísio estava também presente no santuário de Apolo, o Templo de Delfos, em particular através do Falo, firme e hirto, materializado pela enorme pedra que existia nesse local, que os Gregos consideravam ser o centro do mundo ou o umbigo da terra.

¹ Fundada por volta de 1400 a. C, a antiga aldeia de Delfos estava situada no golfo de Corinto, junto ao monte Parnaso. O templo construído nesse local viria a transformar-se num dos mais sagrados santuários da Grécia antiga. Os pacientes desejosos de cura também se deslocavam ao santuário, onde eram submetidos a vários tipos de cerimónias, banhados, esfregados e perfumados. Durante pelo menos doze séculos, o oráculo de Delfos falou em nome do deus Apolo, aconselhando os governantes, cidadãos e filósofos (Sócrates era um dos seus fiéis) sobre os mais variados assuntos, desde as respectivas vidas sexuais até aos negócios de Estado. O oráculo falava pela boca de uma mulher madura, a Pitonisa. Devido aos vapores que emanavam da terra, esta entrava em transe, por vezes mesmo num frenesim, e era assim que respondia às perguntas dos peticionários, emitia ordens e fazia profecias.

Omphalos era o nome dessa pedra onde os fiéis vinham esfregar o corpo, junto à qual acalmavam a aflição da alma, ao mesmo tempo que clamavam pela realização dos seus desejos, nomeadamente de procriação.

Esta pedra era o osso que o pénis não possuía. Talvez seja porque o pénis não tem osso que o Falo pôde ser elevado à categoria de puro símbolo, erguido à altura do Logos².

É efectivamente pelo Falo que a Fala se vincula ao que os Gregos chamavam as «coisas da deusa Afrodite».

Quando o pénis não se levanta entre os amantes torna-se preferível que eles falem do assunto, ou então de outra coisa, para disfarçar, para que o silêncio não se torne demasiado pesado. O pénis que não funciona nos momentos necessários e propícios retira ao homem o seu *status* viril, a fonte da sua virtude. Mas esta impotência é também um problema para as mulheres, em todo o caso para aquelas que gostam de sexo e desejam um homem.

Como os nossos contemporâneos, os homens e as mulheres gregas sonhavam com a fecundação e pediam aos deuses da fertilidade que os ajudassem, em particular a Príapo, o deus do pénis sempre em pé. Ambos esperavam ter filhos para poder salvaguardar a espécie, o género, a família, a cidade e o desejo. Mas queriam sobretudo gerar pequenos falos, filhos homens, já que eram os rapazes que estavam encarregados de governar o Estado e dar protecção às mães e irmãs.

Foi também neste sentido que o Falo contribuiu de uma maneira decisiva para a civilização que reinou no ocidente até ao século XX, mundo encabeçado pelo Nome do Pai, que detinha o poder fálico, como ilustram as metáforas do Pai de família, do Pai do povo, do Pai do céu, ou até do Pai da psicanálise.

O Falo em Freud e o mal-estar na civilização

Freud não escapou ao mal-estar na civilização. Como também não escaparam os seus pacientes, nomeadamente as primeiras mulheres que se deitaram no célebre divã de Viena.

O que estas contavam levou Freud a enunciar algo que continua a provocar escândalo, a saber que, no inconsciente, apenas existe um símbolo sexual, o Falo, ou que a *libido* tem uma significação fálica para os dois sexos.

O feminismo considera este propósito falocrático, como mais um exemplo do milenar sexismo machista, coadjuvado desta vez por um cientismo médico e monoteísta, que teimaria em desconhecer a Mulher.

² O Falo não é um órgão, nem uma figura que se possa encontrar nos compêndios de anatomia. Ele pertence ao *Logos*, mas como algo que coloca um obstáculo à ordem simbólica da cultura; ele é, por assim dizer, o osso que sobra depois do discurso e da lógica roerem a carne humana.

Freud é homem, e os homens, dizem, são básicos. Mas, uma vez dito isto, a bola fica do lado das mulheres, ou seja, devia caber às mulheres explicar aos homens o que é a Mulher, sobretudo dizer-lhes como fazer para satisfazer o seu Ser.

Mas isto não acontece, nem fora, nem dentro da conversa mais ou menos curta que é o casamento. As mulheres continuam não só a gritar com os homens, a criticá-los, a dizer-lhes que eles não as vêem, não as compreendem, não lhes falam, não as ajudam, como exigem ainda e mais deles, sem lhes indicarem o que realmente querem. Nem as feministas, nem as psicanalistas revelaram alguma vez o que é a Mulher, e menos ainda o mistério do gozo feminino.

Esta dificuldade abriu uma nova área de investigação, os Estudos Femininos e até Feministas. Ela contribuiu igualmente para que alguns amigos do movimento de libertação da Mulher do lado da Sexologia tenham ido à procura e descoberto o ponto G³, ponto de encontro, na anatomofisiologia da caverna vaginal, de todos os orgasmos femininos, mas que alguns dizem, por piada, só encontrarem na última letra da palavra *schopping*. O certo é que, com ou sem ponto G, ninguém conseguiu escrever a fórmula científica do Gozo da Mulher.

O Falo permanece, pois, um *gnomon*, o ponteiro do relógio solar que continua a projectar sombra sobre a sexualidade; e que, tal como o sol, não pode ser olhado de frente. Convém pois, para saber a que horas se anda, que haja um ponteiro cuja sombra não se dissipe completamente.

O que assombra realmente a existência dos homens e das mulheres é a irresolúvel «relação sexual», ainda que existam arranjos provisórios para esta, que dependem essencialmente das contingências. O que existe é uma «vida sexual» variada, entre eles e elas, eles e eles, elas e elas, vida que deambula ao sabor dos encontros com o Outro do discurso, o Outro do corpo e, mais radicalmente, com o Outro sexo.

Não há livro, nem divã, onde um homem e uma mulher possam encontrar a chave da sua (pseudo) complementaridade sexual. A verdadeira relação não é sexual, mas social, melhor ainda, intersintomática.

Silêncio que se vai cantar o Falo

Há quem pense que, numa análise, o analisando canta o seu Fado enquanto o analista faz silêncio.

A ideia que o Fado ou Destino já está escrito é muito antiga, mas não convém à psicanálise. Foi ela que fez Sartre falar de “*má fé*”.

Esta está tradicionalmente ligada a uma ideia da psicanálise que acredita no Pai Natal e se dedica de corpo e alma à Fada Mãe.

A partir desta daí, muitos pós-freudianos resolveram promover a psicanálise da «relação», na qual deveria reinar o amor e o carinho; mas esta psicanálise tornou-se fria

³ O ponto G homenageia o ginecologista alemão Ernst Gräfenberg.

ou até frígida, no preciso momento em que o enorme afecto que tinha para dar foi contaminado pelo vírus da «contratransferência».

O termo contratransferência traduz bem o horror que os psicanalistas têm do seu acto. A um nível mais prosaico, reflecte o medo de cada psicanalista de agir imprópriamente ao estímulo que o analisando é para eles. No fundo é como se os psicanalistas temessem cair em tentação, e pecar, reagindo, como simples homens ou mulheres, ao amor e sexo que os analisandos lhes pedem, declaram e, por vezes, exigem.

É também por esta razão que o psicanalista não pode funcionar como um homem ou uma mulher. O que não quer dizer que seja um anjo, sem sexo, nem um santo devotado à caridade.

O receio das reacções contratransferenciais contribuiu igualmente para promover a imagem do analista que deve estar sempre calado. Alguns tem mesmo a impressão que o analista fica a salvo se não disser nada!

Mesmo se há silêncio do lado da cadeira e do divã, a sessão analítica pode ser concebida como um coro a várias vozes⁴. O analisando fala a múltiplas vozes, polifonia que é suficiente para conceber que o que aí se passa está para lá da relação dual. O analista pode também mudar de voz e de tom, utilizar diferentes gamas sonoras, da voz macia da criança, ou da voz feminina aguda da soprano, até à mais grave e cavernosa das vozes viris de tenor. Mas aquilo que caracteriza mais propriamente a voz ao analista é de estar do lado do *castrato*⁵.

Quando o analista guarda o silêncio desse modo já não se ouve mais a (sua) voz, porque esta passou a ficar do lado do objecto a-fónico.

Bem entendido que a voz de castrado do analista não resulta de nenhuma operação cirúrgica, mas da sua análise didáctica.

A fala do analista incide não só sobre a fala do analisando como sobre o objecto que o anima e faz falar. A «interpretação» pontua o que o Outro disse, em particular o

⁴ Isto não significa que a análise seja uma terapia de grupo, nem que o analisando tenha de ouvir vozes, ser louco. A associação livre basta para dar voz a estas vozes.

⁵ Na ópera, *castrato* (plural *castrati*) designa um cantor masculino cuja extensão vocal corresponde à totalidade das vozes femininas, soprano, mezzo-soprano e contralto. Esta faculdade e tonalidade da voz masculina apenas se torna possível após uma cirurgia ou um corte dos canais provenientes dos testículos, ou, então, devido a um problema endocrinológico que impeça a maturidade sexual. O que acontece que é que a chamada «mudança de voz» (por exemplo para baixo, barítono ou tenor) não ocorre nestes sujeitos. A castração antes da puberdade (ou na sua fase inicial) impede a libertação para a corrente sanguínea das hormonas sexuais produzidas pelos testículos, as quais provocariam o crescimento normal da laringe masculina (para o dobro do comprimento), entre outras características sexuais secundárias, tais como o crescimento da barba. Quando o jovem *castrato* chega à idade adulta, o seu corpo desenvolve-se, nomeadamente em termos de capacidade pulmonar e força muscular, mas a sua laringe não. A sua voz adquire assim uma textura única, com um poder e uma flexibilidade muito diferentes, tanto da voz da mulher adulta, como da voz mais aguda do homem não castrado, o contratenor. Por outro lado, a maturidade e a crescente, experiência musical do *castrato* tornam a sua voz marcadamente diferente da de um jovem. Com o tempo, o termo *castrato* passou a designar não só o cantor, como o próprio registo da sua voz.

inconsciente. Ela coloca uma vírgula, um ponto de interrogação, um ponto de exclamação ou um ponto final nisso que fala. Esta pontuação só decide da significação porque o corte que opera é castração, à obra no espaço da inteira liberdade da palavra que é uma análise,. Isso faz sobressair melhor do que em qualquer outro lugar que não se pode dizer tudo e em particular toda a verdade.

É a castração que desponta no final da análise didáctica é tanto a voz da «impotência», a não-resposta à Demanda do analisando, como a voz da «impossibilidade» de realizar o desejo fora da perda do objecto que o causa.

Digamos que é o objecto do fantasma que faz o analisando cantar o seu Fado; mas é o canto do Falo que produz a perda desse objecto, com o suplemento de gozo que restará, aquele que permite a identificação ao sintoma pós-analítico.

No final da sua análise, o analisando deve encontrar-se em condições de passar a analisado, isto é, àquele que não deseja mais ser o homem ou a mulher que era dantes, que deseja realmente ser um analista novo, ainda mais do que um novo analista.

É assim que se reproduz a raça dos psicanalistas.